

Desgaste do País poderia ser poupado, diz Delfim

por Cezar Faccioli
do Rio

O acordo com os credores externos sobre os juros atrasados é aceitável, pois foi feito em bases de mercado, mas poderia ter sido fechado há um ano, poupando o desgaste do País na comunidade financeira internacional. A avaliação é do deputado Delfim Netto (PDS-SP), que teve o controle da economia durante a maior parte do tempo em que a dívida foi contraída e em parte do tempo em que ela começou a ser paga.

Delfim esteve no Copacabana Palace para um café da manhã com empresários, em sua maioria do setor financeiro, promovido pelo Banco Pontual. O deputado considerou as condições (25% para desembolso neste ano, dos quais US\$ 900 milhões do total provável de US\$ 2 bilhões nos próximos dez dias) "provavelmente compatíveis com o equilíbrio fiscal, já que o governo não assinaria algo que não pudesse pagar".

O deputado advertiu, contudo, que o desembolso a ser considerado é provavelmente superior, pois o acordo à espera da aprovação no Senado envolve apenas os atrasados. A expectativa de Delfim é de que o acordo sobre o principal envolva novos desembolsos, aumentando o impacto sobre as contas do governo.

Mesmo que não definitivo, o acordo alcançado na terça-feira abre caminho para a retomada de empréstimos externos de organismos multilaterais, como o Banco Mundial (BIRD) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), na avaliação do ex-ministro. A volta dos créditos privados, para Delfim, será mais demorada, pois depende da retomada da confiança dos investidores, o que só é possível com regras mais estáveis na economia.

CÂMBIO

Além do equilíbrio fiscal, outro aspecto que preocupa Delfim é a política cambial. A ingerência frequente do Banco Central no mercado de câmbio, para interferir sobre a sinalização de expectativas inflacionárias pelo mercado paralelo do dólar, tem efeitos

extremamente danosos na condução da economia explica. O deputado estima que o atraso cambial esteja na faixa dos 20%, com prejuízos para os exportadores e a capacidade de geração de divisas do País, fundamental para o cumprimento do acordo. Questionado pelo ex-diretor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Francisco de Assis Moura de Mello, se a queda de 25% nos salários desde o Plano Collor I não compensava o atraso cambial, Delfim contra-argumentou que os insumos básicos e as matérias-primas aumentaram até 47% com o Plano Collor II e que não se pode escorar a competitividade externa nos salários baixos.

Defendendo o modelo exportador adotado por sua gestão, embora ressaltando que não deseja reassumir o comando da economia, Delfim apontou as vendas externas como a estratégia central para a retomada do crescimento. Como seu colega de regime militar Roberto Campos (PDS-RJ), Delfim buscou exemplo nos tigres asiáticos: "A Coreia exportava US\$ 26 bilhões em 1984, pouco menos do que o Brasil, e hoje exporta o dobro, e até mais. Se igualássemos esse desempenho, teríamos de enxotar banqueiros fechando os aeroportos", ironiza.

FRANÇA

Banco eleva sua participação no Méditerranée

A Caisse des Depots et Consignations (CDC), banco de investimentos franceses de controle estatal, confirmou ontem que suas ações com direito a voto no grupo de viagens e turismo Club Mediterranée SA se elevaram de 9,5% para 11,57% do capital. A legislação francesa exige que os investidores façam uma declaração formal quando as ações com direito a voto numa companhia negociada em bolsa ultrapassam os 10%.

(AP/Dow Jones)